

ATRAVÉS DOS MUROS: PERCEPÇÕES DA GEOGRAFIA DA INFÂNCIA

Éric Borges de Carvalho Nogueira

ericdecarvalho@gmail.com¹

Resumo

Ao longo de meu primeiro ano trabalhando como professor de geografia para o quarto ano do ensino fundamental, vários assuntos que até então eu não havia conhecido no âmbito da Universidade estavam ali postos no meu cotidiano escolar. O que elas entendiam e como elas enxergavam o espaço geográfico? A partir das experiências em sala de aula, das percepções do entorno escolar e das relações que os alunos me traziam nas aulas, decidi buscar entender quais eram suas visões relacionadas à segurança na cidade através de alguns trabalhos realizados ao longo do ano, que puderam esmiuçar inúmeras visões de mundo e espacializações a partir de experiências das crianças. Ao entender que o medo estava presente no imaginário e na representação de cidades feita pelos alunos, encerro o artigo demonstrando como ele é fator fundamental para compreender como os estudantes enxergam a cidade.

Palavras-chave: Geografia da Infância, Ensino de Geografia, Medo.

Introdução

Este artigo é fruto de algumas investigações realizadas para tentar compreender melhor a relação existente entre os alunos do quarto ano do ensino fundamental na escola em que leciono e o espaço geográfico.

Ao longo de meu primeiro ano na escola, fui tomado por uma curiosidade por assuntos que até então eu não havia conhecido dentro da Universidade e que estavam ali postos no meu cotidiano escolar. Como lidar com crianças, como ser entendido por elas? Ao conversar com um amigo, também professor de Geografia, fui apresentado um campo até então novo para mim - a Geografia da Infância

O objetivo do trabalho é verificar de que maneira os alunos representam e concebem o espaço geográfico em que vivem, mais especificamente em relação ao

¹ Monografia de fim de curso do Curso de Práticas e Saberes em Educação Básica - UFRJ.



aspecto da segurança, uma vez que eles estão quase que a todo momento auto segregados, focando o medo como um fator relevante nesta visão de mundo e da cidade em que habitam.

Trata-se de uma tentativa de compreender, pelo olhar dos alunos, a cidade e mais especificamente o bairro onde vivem (majoritariamente Barra da Tijuca e Recreio dos Bandeirantes, uma minoria mora em Jacarepaguá, porém, em condomínios). É através deles que a análise será realizada. Concordando com Santos (2016), “a busca por compreender as dinâmicas de determinado grupo cultural passa pela tentativa de leitura de seu lugar de vivência”. É através dessa vivência que espero analisar o conteúdo apresentado por eles.

Geografia da Infância

A Geografia da Infância é um campo que começou a ser desenvolvido e discutidos nos anos de 1970 dentro do âmbito da Geografia Humanística. Essa área surgiu de uma ruptura com a Geografia Tradicional e seus estudos estatísticos e também com o marxismo e seu viés mais economicista. Seus estudos estão calcados nas filosofias do significado, especialmente a fenomenologia e o existencialismo, houve uma crítica à geografia de cunho lógico-positivista. Buscou-se uma aproximação maior com a subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular ou o universal e, ao invés da explicação, tem na compreensão a base de inteligibilidade do mundo real. (Corrêa, 1995)

As questões vitais, tornaram-se outras, estão agora voltadas mais para dentro, um olhar distinto daquele da diferenciação com o desconhecido que era distante, descortinado através de grandes descobertas feitas a partir de observações com um olhar estrangeiro. A experiência possui um lugar de destaque nessa percepção, é a partir dela que ocorrerá a relação com o espaço. Corrêa (1995) aponta que no estudo do espaço no âmbito da geografia humanista consideram-se os sentimentos espaciais e as ideias de um grupo ou povo sobre o espaço a partir da experiência.

Segundo Lopes: “O propósito dos trabalhos não é pesquisar esses universais, mas exatamente trabalhar com o que é particular em cada grupo social no tocante à percepção do

ambiente que o cerca, pois se pressupõe a existência de particularidades, que “[...] CASTROGIOVANNI, acentua ou [...] distorce” (TUAN *apud* LOPES, 2012) tais universais. Eis o papel da Geografia, pois “[...] o geógrafo humanístico, afinado com as vozes do cientista e do filósofo, não pode dar-se ao luxo de ignorar qualquer coisa que possa lançar luz nas complexidades do relacionamento do homem com a terra” (BUTTIMER *apud* LOPES, 2012).

O conceito de lugar, passa a ter uma importância muito grande neste período, torna-se um conceito-chave, não somente na corrente humanística, mas também dentro da geografia da infância. Os trabalhos deste período buscam, então, entender o ser e o estar das crianças no espaço. (Lopes, 2013)

Para Tuan o lugar possui um “espírito”, uma “personalidade”, havendo um “sentido de lugar” que se manifesta pela apreciação visual ou estética e pelos sentidos a partir de uma longa vivência. (Corrêa, 1995). O espaço vivido começa a ganhar forças e ser também muito utilizado pelos geógrafos deste período. O espaço vivido, segundo RELPH (1976: 16): contém o espaço sagrado e o espaço geográfico. Ambos são "centros de significado, ou focos de intenção e de propósito". O segundo se trata do: "[...] espaço significante de uma cultura particular que é humanizado pela nomeação dos lugares, por suas qualidades para o homem, e por refazê-lo para que sirva melhor às necessidades da humanidade. (HOLZER, 1992)

Na medida em que o espaço vai sendo ocupado, a partir das diferentes utilizações possíveis, algumas dessas utilizações vão ganhando significados e na medida em que o espaço vai sendo ocupado materialmente, vão se produzindo sentidos.

A existência do lugar é resultado de um investimento que só se fez possível porque esse espaço não foi apenas um espaço de passagem, mas um espaço onde se fez pausa. Não a pausa da imobilidade, mas aquela necessária para a efetivação de uma ocupação material e simbólica. Esse salto que eleva, qualitativamente, o espaço à condição de lugar é uma construção. O espaço se planeja, o lugar se constrói. Nessa construção o espaço é o suporte. Onde se conclui que todo lugar é um espaço, mas o espaço é apenas potencialmente um lugar. Um suporte à espera da força inaugural da cultura que o fará lugar. Que reunirá numa unidade os diferentes elementos e o configurará como um só objeto. (VASCONCELLOS, 2005, p.78).

Dessa forma a autora reforça a passagem da noção de espaço para lugar como sendo uma construção de significados. A Geografia da Infância tem no lugar uma categoria de apoio



e locus de pesquisa. Os lugares remetem à identidade, ou mesmo às identidades sociais e culturais.

A geografia da infância seria, então, um ramo dentro da geografia que estudará não somente a infância *per se*, mas sim a construção de espacialidades a partir das crianças, suas experiências e visões de mundo. É dada a elas a possibilidade de expressão através de seus trabalhos da forma como elas o fazem. De acordo com Berbat (2016): “(...) a geografia da infância não é somente um "mapeamento das crianças nos espaços" e nos "seus territórios", mas uma busca da geograficidade destas multiterritorialidades emergentes e da percepção espacial em germe nas crianças”. E foi justamente estas compreensões do espaço que busquei retratar e interpretar a seguir.

Desenhos enquanto categoria de análise:

Os trabalhos realizados com os alunos e aqui analisados foram desenhos e eles têm como intuito: “o entendimento [de desenho] como expressão cultural e fruto de uma produção gráfica de um lugar feito por sujeitos que o vivencia. ” (SANTOS, 2016, p.199). Desta forma, mais uma vez, há uma apropriação da experiência para retratar o espaço. Como a partir do que eles sentem e enxergam o espaço é interpretado.

Para Santos:

“Devemos entender os desenhos das crianças como componentes do desenvolvimento geral do conhecimento da criança. Os desenhos revelam muito sobre a natureza do pensamento humano e a sua capacidade de resolver problemas. (SANTOS, 2000, p. 17) ”

A tentativa no momento da proposta dos trabalhos foi a de que os alunos se sentissem livres para retratar o espaço da maneira deles, sem nenhuma interferência, trabalhando com o aspecto visual do pensamento e da memória. (Santos, 2016).

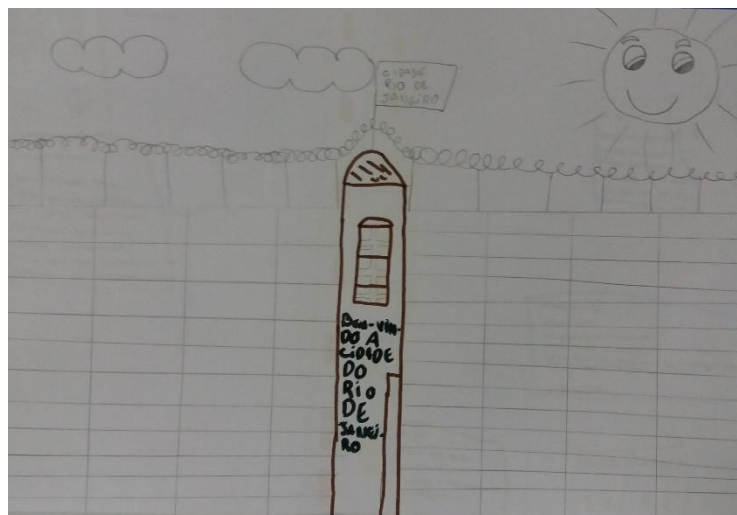
Trabalho Analisado: Cidade Segura

A proposta desta atividade era que os alunos fizessem desenhos de uma cidade segura, não necessariamente a cidade do Rio de Janeiro. Essa foi a única recomendação feita por mim. Eles poderiam realizar da maneira que quisessem, sem nenhum tipo de interferência.

Este trabalho foi o que mais apresentou a ideia de vigilância como uma necessidade para haver a segurança. Para a grande maioria dos alunos, a segurança só poderia existir se estivesse acompanhada de um grande número de aparatos militares, desde armas de fogo a tanques de guerra. Para muitos deles, essa é uma necessidade para que haja uma segurança.

Alguns desses trabalhos foram selecionados e serão expostos a seguir.

Trabalho 1: Cidade do Rio de Janeiro murada.



Neste trabalho a cidade do Rio de Janeiro está sendo retratada como segura após ser toda murada e fortificada. Aqui, nota-se claramente que viver em uma cidade segura é sinônimo de vigilância.

Trabalho 2: Vigilância Constante



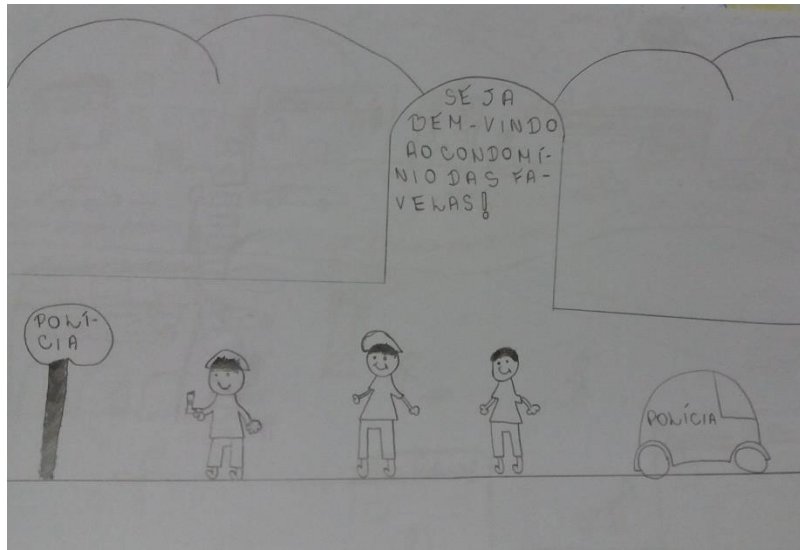
Novamente a cidade está sendo vigiada, desta vez por dentro. Nota-se a importância dada à prisão e o quartel general como pontos importantes dentro desta lógica de segurança. O holofote foca justamente o quartel, dando-lhe um caráter especial no espaço representado.

Trabalho 3: Segurança comprada



Nesta representação há uma referência a possibilidade da “compra” da segurança por parte de alguma empresa, ou seja, nesta cidade é possível obter segurança, porém, quem tem acesso a este tipo de serviço? É nítida a noção para o estudante de obtenção privada de segurança. E esta segurança lhe permite consumir e viver tranquilamente, como nas figuras dos pedestres.

Trabalho 4: Transposição de realidades



Neste trabalho é possível observar uma transposição de realidades, ou seja, o autor está desejando como um modelo de segurança a transformação das favelas em condomínios fechados, associando a ideia de que desta forma os problemas de lá estariam resolvidos e a paz reinaria em todas as realidades.

Após uma análise dos trabalhos acima e de todos os outros, questionei as turmas se para eles segurança era sinônimo de vigilância e quase que em uníssono eles afirmaram que sim. Para eles, estar seguro é estar em um lugar fechado, seja nos condomínios, em shoppings centers, na escola, no curso de inglês, etc. Nem mesmo a praia é vista como um lugar seguro, só o é quando estão em Angra dos Reis, em condomínios que possuem acesso às praias privadas. O sentimento de cidade e segurança se mostrou muito forte quando eles se referiram às cidades fora do Brasil. Nesses locais eles disseram possuir um grau de liberdade muito grande, “inclusive andavam de trem e metrô” (palavras de um aluno).

Posto isso, fica evidente que não há, para eles, nenhuma sensação de segurança em suas experiências cotidianas na cidade a não ser em locais fechados e “seguros”. A partir de muitas dessas indagações eu fui buscar algumas raízes desses medos que se fizeram presentes nas representações e também algumas explicações necessárias para tentar compreender o que estava por trás disso.



Medo

Boa parte dos trabalhos apresentados pelos alunos teve como inspiração o medo ou a ideia insegurança de relacionada ao medo. Enquanto eles faziam suas atividades e durante vários dias seguintes esta percepção continuava na minha mente e comecei a querer entender quanto o medo estava presente na vida deles ao ponto de ser uma característica tão relevante no momento que eles traduziam a cidade e o bairro que vivem em seus desenhos. Ele se demonstrava central inclusive nas relações espaciais, ele se mostrou mediador das relações sociais. Mas, o que estava por trás disso?

Medo transformador do espaço

Para introduzir a ideia desta seção, gostaria de trazer um trecho de Bauman (2003 p.10) que sintetiza a proposta aqui trabalhada:

Você quer segurança? Abra mão de sua liberdade, ou pelo menos de boa parte dela. Você quer poder confiar? Não confie em ninguém fora da comunidade. Você quer entendimento mútuo? Não fale com estranhos, nem fale línguas estrangeiras. Você quer essa sensação aconchegante de lar? Ponha alarmes em sua porta e câmeras de tevê no acesso. Você quer proteção? Não acolha estranhos e abstenha-se de agir de modo esquisito ou de ter pensamentos bizarros. Você quer aconchego? Não chegue perto da janela, e jamais a abra. O nó da questão é que se você seguir esse conselho e mantiver as janelas fechadas, o ambiente logo ficará abafado e, no limite, opressivo.

A passagem de Bauman trata de uma grande contradição existente dentro dos ambientes fechados dos condomínios, ditos seguros, ou que querem transmitir a ideia de segurança, tão presente nos condomínios da região onde a escola em que trabalho se localiza. E não deixa de ser somente uma sensação, pois a taxa de roubo de carros dentro do condomínio é bastante alta, além de furtos e, inclusive houve um caso de assassinato em plena luz do dia no horário de saída dos estudantes. Ou seja, mesmo com todo o aparato de segurança, a ideia de estar protegido é maior do que estar seguro de fato. Estariam as pessoas, dessa forma, entrincheirando-se para ter uma sensação de segurança e ao mesmo tempo fechando-se ao mundo externo, enclausurando-se? Que motivações haveriam para tal empreitada? Como interpretar esse ato?

Segundo Melgaço (2012. p.82), as motivações não seriam apenas da ordem da segurança:

Os novos anseios e ideais urbanos de moradia não se limitam mais à casa como propriedade particular, mas se estendem à privatização de seu entorno. Além do desejo de exclusividade, outros motivos que levam os compradores a optarem pelos condomínios são a busca de distinção social junto aos de fora e de homogeneidade social com os de dentro do condomínio, a possibilidade de se habitar em imóveis amplos, o contato com a natureza, as opções de esporte e lazer e, especialmente, a preocupação com a segurança.

Há de se levar em consideração, então, que a distinção social é um ponto importante para essa auto segregação. É uma maneira de estar próximo de seus pares que compartilham de determinada posição social, excluir completamente qualquer integração com aqueles que não possuem as mesmas características que as suas e, a partir de uma condição financeira pautada em uma ideia de segurança, construir uma segregação espacial.

Concordo, portanto, com Melgaço (2012. p.88) ao dizer que:

Cria-se, assim, uma privatização do espaço público, no sentido mais amplo do termo. Troca-se a noção de cidade aberta ao que é coletivo e comum por outra que privilegia um ideal de exclusividade. Segurança, lazer, educação, saúde, transportes e moradia se tornam mercadorias acessíveis somente aos que podem pagar por elas.

O desejo que existe, portanto, é o de não viver a diferença e sim exaltá-la. Marcar sua diferença visivelmente a partir de muros, cercas, câmeras, vigilância e cerceamento da liberdade de circulação.

Pesquisando rapidamente alguns *sites* de empreendimentos imobiliários na região, facilmente se pode perceber a ideia de exclusividade. Além disso, a proposta é justamente levar elementos que fazem parte da vida pública a terem um teor exclusivista. Seguem um breve exemplo a seguir retirado da página da construtora Gafisa.

“Um verdadeiro resort com tudo que você precisa para ser feliz. Com um estilo contemporâneo o Alphagreen está localizado em uma das áreas mais nobres da Barra da Tijuca. Cercado de paisagem e com um fácil acesso a uma ampla rede de comércio e serviços com toda a sofisticação e exclusividade que a Gafisa te proporciona! Um empreendimento único, com mais de 50% de área reservado para o lazer. Com vista para a Lagoa, proximidade a escolas,



com piscinas adulto e infantil, fitness, espaço relax e Playground. Um condomínio moderno e inspirador onde você terá diversas opções de lazer para ser ainda mais feliz. AlphaGreen é Pure Inspiration”

O desejo de não conviver com a diferença é tanto que Capron (Capron *apud* Melgaço, 2006 p.90) aponta para situação ainda mais grave:

[...] na Barra da Tijuca, boa parte dos administradores de condomínios fechados já negociou com o poder público o impedimento da construção de escolas públicas obrigatórias que poderiam promover uma miscigenação considerada grande demais.

Trata-se não somente do desejo de se manter afastado de um perigo iminente em relação a sua segurança pessoal, mas sim de se manter afastado de uma parcela da população que não possui certas características como as suas. O medo, portanto, é múltiplo, aliado a uma vontade de não pertencer à sua própria cidade, afastando de si qualquer vestimenta e semelhança de outros habitantes.

Essa nova forma de viver, ao mesmo tempo que busca assegurar uns, gera novas formas de violentar outros e também o todo da cidade. Ao passo que também aumenta um sentimento crescente de práticas e ações individualistas.

Utilizarei o mesmo conceito de *securização* empregado por Melgaço (2010) para explicar esse processo. Ele é utilizado para designar o processo de implementação de objetos e formas urbanas voltado à busca de alguma segurança. “Agrupam-se nesse termo todas as formas de arquiteturas do medo e da violência, pois ele se refere tanto à criação de espaços da exclusividade quanto à informatização do cotidiano para fins de segurança. ” (p.69) A securização é geralmente uma resposta apressada ao discurso do medo e, por isso, acaba atuando mais no plano psicológico do que na efetiva redução de riscos. Como já retratado anteriormente, no caso dos roubos e assassinato dentro do condomínio. Estaria, então, o conceito de securização relacionado ao retrato feito pelos estudantes de seu bairro e sua cidade?

Antes de tentar responder, gostaria de trazer outra reflexão a partir da ideia de psicofera, conceito trabalhado por a partir das contribuições de Milton Santos e *psicofera do medo* trabalhado por Melgaço.

De acordo com Milton Santos, “a psicofera, reino das ideias, crenças, paixões e lugar da produção de um sentido, também faz parte desse meio ambiente, desse entorno da vida,

fornecendo regras à racionalidade ou estimulando o imaginário (SANTOS, 1999, p. 204). Dessa forma é possível então entender o espaço geográfico também a partir de uma esfera imaterial de informações e dos sentimentos, tudo aquilo que é simbólico, a psicofera. (MELGAÇO, 2010).

Já Melgaço conceitua a *psicofera do medo* da seguinte maneira:

A existência, no período atual, de uma esfera de ideias ligadas diretamente à sensação de insegurança permite que seja proposta a expressão *psicofera do medo*. O medo passa a fazer parte do imaginário coletivo e isso altera o cotidiano das pessoas e a maneira como usam o território. Se o medo sempre existiu, é certo que no período atual da globalização ele tem tomado proporções inéditas, sendo disseminado e reproduzido. A psicofera do medo é, assim, uma imaterialidade ativa, pois condiciona ações e altera formas. (p.107)

A *psicofera do medo* seria a representação material de sentimentos paranoicos presentes nos indivíduos, projetados no mundo exterior, algo que na realidade é uma fantasia, uma construção de seu mundo interior, em certo modo, uma paranoia coletiva em virtude do medo e da segurança. “As pessoas projetam e concretizam no espaço sentimentos por vezes desproporcionais aos riscos efetivos que existem na realidade”. (p.106)

É possível, então, ao aliar o material que os estudantes haviam produzido durante as aulas e o material teórico, entender que a cidade que eles estão retratando não é apenas aquilo que eles veem, enxergam e experenciam, mas também, uma projeção daquilo que lhes é passado como um modelo a ser seguido e toda uma esfera que está associada a quase uma histeria coletiva em relação à segurança de seus pares.

É comum ver, principalmente na faixa etária deles, uma proteção extrema de seus responsáveis que acaba por ser traduzida também nesse medo à cidade, ao diferente e também ao outro. Amplia-se dessa maneira uma cisão na cidade e nas relações interpessoais a partir de manifestações claras de segregação e auto segregação espacial. Acredito, portanto, que através da geografia é possível a aumentar o conhecimento da cidade e da diversidade para que haja a criação de uma tentativa de maior igualdade e justiça social, derrubando primeiramente inúmeros muros fincados nas certezas individuais, para que , quem sabe futuramente os muros e grades físicas também possam vir ao chão.



Considerações finais

Buscou-se a partir deste trabalho fazer uma revisão sobre o que é a Geografia da Infância e demonstrar sua importância enquanto categoria dentro da própria Geografia a partir de uma análise espacial feita *por* crianças e não *das* crianças. Como elas enxergam o espaço e de que maneira elas o traduzem. Inserir-los na categoria de criadores de espacialidades possibilita entender a sociedade de uma maneira mais ampla, plural e, sobretudo, criar futuros transformadores da realidade em busca de uma sociedade mais justa e humana. Interpretar suas decisões e visões faz parte desse processo de discussão de como essa parcela da população entende seu bairro, sua cidade e seu país. Por que determinada visão existe? É possível discutir com eles desde já sobre essas visões e comportamentos? Acredito que sim e este foi o maior incentivo para que esse trabalho tenha sido realizado. Levar a discussão da transformação da cidade para fora de muros e grades, colocá-los para fora de uma realidade compartimentada e segregada é a próxima etapa dessa pesquisa (que já se encontra em andamento). Talvez esta seja a etapa mais difícil, mas sem dúvida a que já está sendo mais prazerosa.

Foram apresentados os trabalhos realizados junto aos alunos do quarto ano do ensino fundamental e todos eles tinham como pano de fundo o tema segurança e o cerceamento do local que eles estudam e vivem. Temas relacionados à geografia urbana foram tratados ao longo do ano letivo e esses trabalhos concluíram algumas etapas. Pude perceber, então, que certa similaridade encontrada e ela estava relacionada a como uma certa tendência em isolar-se, segregar-se dos outros. A partir disso fui buscar tentar entender um pouco melhor essa perspectiva e, então, acabei adentrando mais na discussão do medo.

Deste modo me deparei com o conceito de *psicosfera do medo* que acabou por contribuir no entendimento daquilo que estava sendo representado pelos estudantes. Dentro da representação de cidade está inserida uma série de outras relações de poder, de segregação e de sentimentos que em muitas das vezes falam mais alto até do que as reais situações de perigo que eles ou seus familiares podem ter vivido. Os sentimentos e as sensações passam, então, a serem objetificadas e registradas no território a partir de muros, grades, cancelas, placas, câmeras, guardas particulares e tantos outros meios possíveis de segregação. Segregação esta que, ao meu ver não está em vias de diminuir ou se transformar, pois ela se associa diretamente a uma ideia de ostentação tão presente em grande número em nossa sociedade.

O que busco na minha prática com estes mesmos estudantes é apresentar a cidade como ela é. Com todos os seus problemas, belezas, suas desigualdades, benesses, para que aos poucos com o conhecimento eles possam ter ao menos a capacidade de escolha dentre o que possuem e a cidade real, composta de diferenças, para que eles não se assustem com a diferença e sim busquem entendê-la para serem capazes de, talvez, serem agentes transformadores dessa realidade. E as vias de todas essas discussões só se dão pela geografia. Ela que foi o meio dos estudantes traduzirem sua visão de mundo, suas experiências de cidade e de vida. E pode ser através dela que eles também terão ferramentas de raciocínio capazes de transformarem a realidade da própria cidade, caso queiram. É na geografia que essas discussões tem espaço e campo nas séries iniciais e, por conta disso, é necessário haver uma valorização da disciplina neste momento de formação do estudante. Valorização que passa por uma ampliação dos debates com o corpo docente nas escolas e também de temas que, por hora, se mostram transversais, mas que traduzem grandiosamente a maneira que uma parcela da sociedade entender e modificar o espaço.

O intuito é fazer dessa discussão uma via capaz de transformar, de derrubar certos muros que parecem ganhar cada vez mais altura. Levando os estudantes para o outro lado, metaforicamente ou não, acredito ser um grande passo rumo a uma cidade e uma realidade mais justa e menos segregadora,

Referências bibliográficas

BERBAT, M.C.; GUIMARÃES, H.G. & TORRES, D.M.M. Atravessando saberes: A geograficidade da infância nos anos iniciais da educação básica. In: Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v. 6, n. 11, p.222-236, jan./jun., 2016

DELUMEAU, Jean. História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009

HOLZER, Werther. A geografia humanista – sua trajetória de 1950 a 1990. 1992. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.



LOPES, J. J. M. É coisa de criança: reflexões sobre geografia da infância e suas possíveis contribuições para pensar as crianças. In: VASCONCELLOS, T. Reflexões sobre infância e cultura. Niterói: EDUFF, 2008.

LOPES, J. J. M. Mapas narrativos e espaços de vivências: cartografando os lugares de infância. In: LOPES, J. J. M.; ANDRADE, Daniela B. S. Freire (Orgs.). Infância e Crianças: lugares em diálogos. Cuiabá: EDUFMT, 2012.

LOPES, J. J. M. Geografia da Infância: contribuições aos estudos das crianças e suas infâncias. In: Revista Educação Pública. Cuiabá, v. 22, n. 49/1, maio.ago., 2013. p. 283-294.

MELGAÇO, Lucas de Melo. **Securização urbana:** da psicofera do medo à tecnofera da segurança, 2010. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SANTOS, Clézio dos. O desenho do lugar: uma experiência da Geografia da Infância na baixada fluminense. In: Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v. 6, n. 11, p.185-207, jan./jun., 2016

SANTOS, Milton. A natureza do espaço. São Paulo: Hucitec, 1999 [1996].

STRAFORINI, Rafael. Alteridade e Geografia escolar: Uma leitura das práticas curriculares nos primeiros anos do ensino fundamental. Revista de Geografia Espacios.2(3) p.57-72, 2012